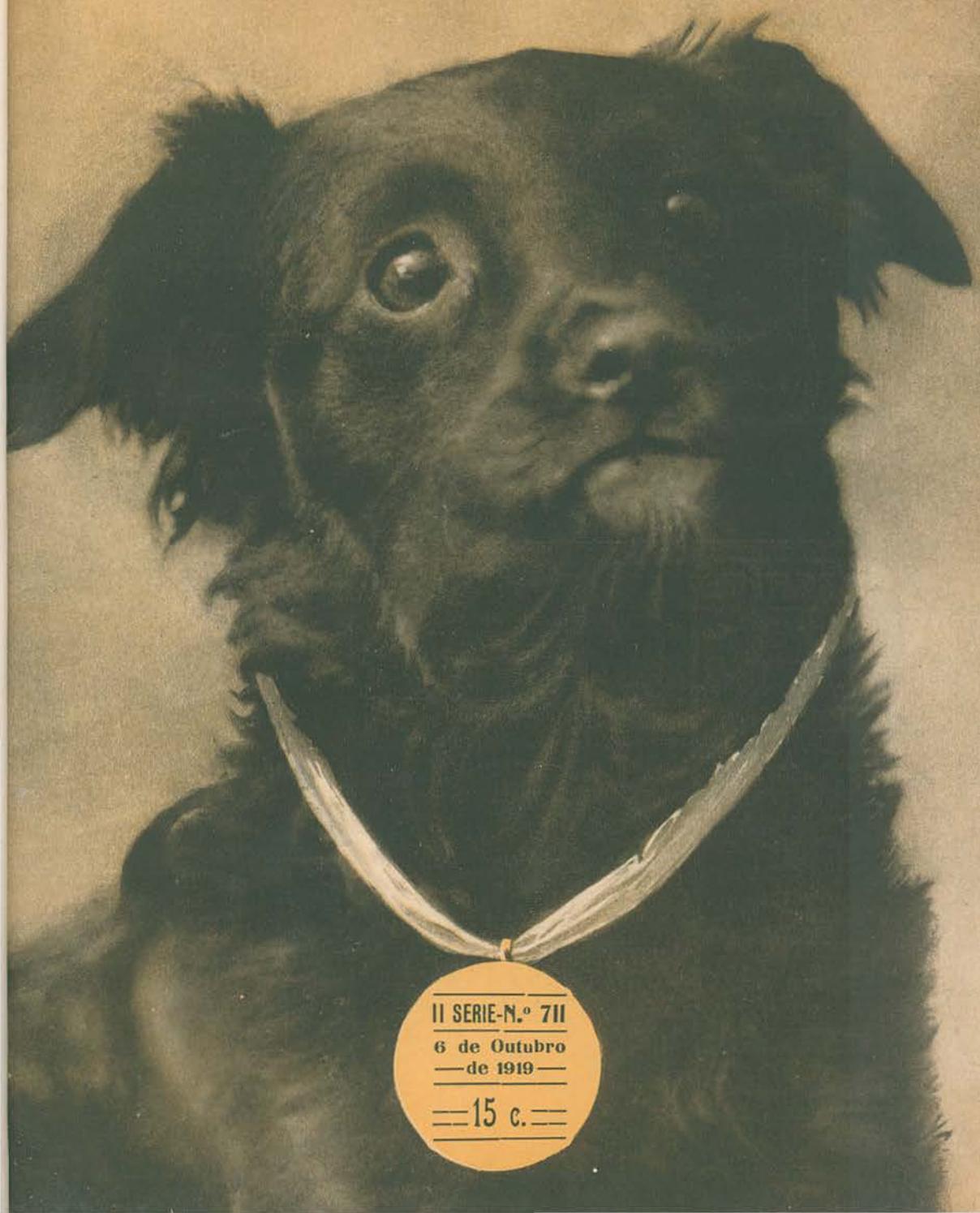


ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



II SERIE-N.º 711

6 de Outubro
— de 1919 —

— 15 c. —

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre 1\$90 cív.
Semestre 3\$75 *
Ano 7\$50 *

NUMERO AVULSO, 15 cív.
Numero avulso em todo o Brazil, 700 réis.

Redacção, administração e oficinas: Rua do Securo, 43 — LISBOA



*Tem manchas na pele?
Tem espinhas, cravos, panos, sardas?
Quer ficar com o rosto limpo e belo?*

Use o **"LEITE ANTEFELICO MARIA"**

que rapidamente lhe restituirá uma pele nova, aveludada e rejuvenescida.

A venda na PERFUMARIA DA MODA, 5, Rua do Carmo, 7, o mais artistico estabelecimento de Lisboa, e nas farmacias, drogarias e principaes casas da especialidade em todo o paiz, ilhas e Africa.

Os pedidos para revenda devem ser dirigidos a AYRES DE CARVALHO, Rua Ivens, 31, Lisboa, sede do escritorio e fabrica.

GABINETE DENTARIO

Direcção
Clinica de **Mario Duarte**
Praça dos Restauradores, 13.
Tellep. 3300 e 3652 — LISBOA

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente, e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Eu viar 15 centavo para resposta.

Casa da Patriarca, n.º 2, 1.ª, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, prédio escuro).

Creme Palmyra

DE RESULTADO MUITO EFICAZ
Preparado de pureza garantida. Preço: 4\$00 rs., 2\$50, 2\$00, 1\$50 e 800 rs. Dep. geral: Calçada do Sacramento, 7, 2.ª. Telefone 4,359 cente.



Corôas

Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, e na

Camelia Branca
L.º D'ABEGOARIA, 50
tao Chiado) - Telef. 3270



Garante-se a destruição d'este flagelo em 24 horas. — SOCIEDADE PRODUTOS FARMACEUTICOS — **Marinho & Amaral, Rua Jardim do Kegeaor, 19, 21, 21-A.**

Reconstituinte
Alimento Phosphatado

BANANINE MIALHE

Creanças, Convalescentes,
Tratamento das enterites
8, Rue Favart, Paris

Deposito geral no PORTO: Consultorio Dentario J. Matos, Rua Sá da Bandeira, 235. — Em LISBOA: E.

TONIKIM
O ALIMENTO E JUVENTUDE
DOS CABELOS

Silva, Rua Arco Bandeira, 207, 2.ª E. — Em BRAGA: Gomes & Matos, Avenida Central. — No BRAZIL PARA: A. Matos, Rua Padre Prudencio, 66.



Eça de Queiroz



O Dr. Mateus d'Albuquerque conhecido escritor brasileiro vai dentro em breve publicar um novo livro que intitula Da Arte e do Patriotismo. Insere esse livro que a «Portugal-Brazil» vai editar, um interessante estudo sobre Eça de Queiroz. D'ele recortamos o trecho que damos hoje aos nossos leitores.

EÇA DE QUEIROZ — rebentolidimo e mais novo dessa progenie monstruosa em que culminam divinamente, com raízes eternas no vasto solo dos gregos e latinos, Shakespeare, Cervantes, Rabelais, Molière, Voltaire, Goethe, Balzac — foi o primeiro e unico escriptor portuguez que, simplesmente com os seus livros, conseguiu internacionalizar Portugal. Elle é, no mais perfeito sentido, um escriptor europeu. Mais do que certos feitos historicos, que através de tão longa e ennevoadá distancia já nos parecem ficções historicas (porque, historicamente, de ha muito, desde a implantação do constitucionalismo, Portugal deixou de nos interessar); mais do que isso, encontrou, afinal, a patria dos navegadores, um homem de genio para nelle reviver, universalizando-se. Eça de Queiroz é o autor deste milagre internacional. O paiz se anniquilava: Eça de Queiroz é uma compensação da Natureza á decadencia de Portugal. Oito seculos de historia, de cultura, produziám, finalmente, na hora dolorosa do seu eclipse, um homem de genio e de bom gosto.

Antes d'elle, a literatura portugueza, em conjunto, era, apesar de eloquente e rica, principalmente regional. E o era não só pela essencia como pela fórma. De Camões a Herculano, com escala pelos maiores cultores da lingua opulenta e barbara, as letras portuguezas mantêm um caracter

de austero regionalismo, que por vezes chega a ser ingenuamente pretencioso. Aliás, sempre foi notada a incapacidade do portuguez para as idéas geraes. Em vão se procurará através das letras portuguezas uma dessas creações universaes, um desses typos de integração social ou sentimental, que se accomodam em todas as literaturas do mundo — Rei Lear ou D. Quixote, Hamlet ou Candide, Iago ou Mephistopheles, o doce Hermann «sorrindo á imagem espirital da formosura» ou o truculento Vautrin «violando as açucenas mortas á beira das estradas». Porque a tragedia commovente de Ignez de Castro é mais o producto de

uma intriga politica de aldeia, sem a larga irradiação de uma these profundamente humana, e as sombrias façanhas de Eurico representam apenas, sem o estudo fixo de um caracter, um episodio vago da cavallaria. Ainda no grande, no formidável Camillo, quando o seu genio atormentado, combatido por toda a sorte de adversidades, se não dispersava em novellas desiguaes, mal acabadas, escravizava-se, espremia-se furiosamente nas moendas das polemicas desfibradoras, no exaspero tragico de campanhas pessoallissimas — isto n'uma lingua que, de tão barbaramente classica e contundente, jámais foi excedida no representar a velha, a genuina, a grossa chalaça portugueza.

A lingua em que se escrevia em Portugal era um instrumento aspero, solenne e duro: não se lhe conheciam nuanças delicadas para esboçar os sentimentos mais subtis, nem ondulação ampla e sonora para atranger o vasto e complexo surto das idéas: n'uma palavra — ignorava-se-lhe o verdadeiro espirito. Era a lingua secca, espartilhada, tabelliõa, dos classicos primeiros, muito preciosa e justa para o seu tempo e seu meio, mas archaica, insubsistente, provinciana, nestas idades praticas da maior expansão intellectual e economica — quando não era a lingua donairoza, flacida, rotunda, dos ultimos romanticos, resumindo a Vida e o Universo em apologias de creaturas celestiaes e em descrições de mundos encantados.

Certo, os *Sermões* de Vieira são esculpturaes e a *Nova Floresta* de Bernardes é lapidar; mas, apesar de toda a sua divina eloquencia e de toda a sua pureza classica, não constituem, por si sós, uma literatura. E — sem que isto pareça um prurido infantil de irreverencia innocua — o proprio *Lusiadas*, tão grande, tão bellico, tão suggestivo, se conserva a sua gloria através dos seculos, não é tanto pelo padrão de vernaculidade que o solenniza e lhe dá a gloria incontestavel do codigo da lingua, nem pelas descrições geographicas e evocações mythologicas que o perturbam, mas, principalmente, pelo



Eça de Queiroz em traje de mandarim



Eça de Queiroz, estatua de Silva Gouveia.



Eça de Queiroz por Cristiano de Carvalho.

da linguagem, a sobriedade dos tons, a distincção das maneiras, e, sobretudo, pela sabia ironia gauleza que lhe corria nas veias, é o precursor da nova arte de escrever em nossa lingua.

Eça de Queiroz, o creador supremo, veio revelar á litteratura portugueza o segredo das cousas eternas. Ele é o artista por excellencia. E' o creador do romance portuguez, o romance de caracteres, como Balzac é o grande renovador de processos no romance francez.

Com os typos que creou em meia duzia de romances, representando integralmente a vida portugueza contemporanea, realizou este milagre inedito: universalizar Portugal.

Esses typos são, na verdade, maravilhosos de expressão, de realidade, de vida. Não ha para eles fronteiras de ideias, de sentimentos, de costumes, de aspirações: todas as civilizações illustres os disputam, porque elles participam de todas ellas, integrando-se na communhão humana, sem perderem, entretanto, a particularidade regional que lhes é propria. Resaltam dessa prodigiosa galeria a mais rigorosa preocupação do detalhe e a mais perfeita visão do conjunto: o apuro da expressão e o pathetico da idéa. Accacio, o padre Amaro, o conego Dias, Bazilio; João da Ega, Gouvarinho, o Damaso e toda a espantosa galeria dos *Maias*; Raposo, Jacintho, José Mathias, Fradique Mendes, Pacheco, o Gonçalinho, installaram-se para sempre na nossa intimidade, vivendo humanamente a nossa vida.

Ha escriptores que, cercados de conforto material e prestigio social, escrevem, methodica-

mente, cincoenta livros, e ninguem lhes cita uma personagem, nem lhes decora uma phrase. E os ha, em compensação, de vida tormentosa e errante, que na degradação dos carcereiros ou no desalinho das estalagens, como Cervantes, como Shakespeare, compõem tres ou quatro volumes que se tornam a gloria de uma raça e de uma época, e em que se louva, eternamente, a humanidade agradecida. A immutavel caracteristica do genio é a adaptabilidade universal das suas creações. Todos nós, em todas as latitudes, sabemos o que significam Sancho Pança, Othello, o mercador de Veneza, Macbeth, Romeu e Julieta, como já nos familiarizamos com as figuras secundarias, accessorias, e até com as mais insignificantes da extensa e palpitante nomenclatura eçaneana — o João Eduardo, o doutor Topsius, o Grillo, o Villaça, o Titó com o seu vozeirão de atleta preguiçoso de Villa-Clara, e o Videirinha, com o seu violão de fadista épico de Santa Irinéa.

Entre uns e outros existe apenas, a distancial-os aparentemente, a differença de idades e de temperamentos: no fundo, porém, anima-os, arrasta-os, vincula os, a mesma fatalidade, o mesmo destino.

Depois, a nossa época já não comporta a tragedia, pelo menos como era concebida e representada antigamente.

E attendendo a que (mesmo sem acrescentar neste caso o argumento basico da predisposição organica do escriptor); atten-

dendo a que a Ironia é o melhor, o mais seguro, o mais de finitivo expoente das civilizações requintadas ou decadentes, tem-se a razão por que Eça de Queiroz, ao envez de pintar grandes télas tragicas, traçou prodigiosas caricaturas.

Mateus d'Albuquerque



Eça de Queiroz, retrato tirado para a «Ilustração» de Mariano Pina. Um dos ultimos retratos de Eça.



Eça de Queiroz por Saavedra Machado.

Uma Joia Manuelina

A TORRE DE BELEM

«De frente deste edificio mandou el Rei fazer a torre de sam Vicente, que se chama de Bethelém, fundada dentro na agoa, para guarda deste, & do porto de Lisboa, edificio que ainda que em si não seja grande em quantidade, com tudo a instructura delle he magnifica».

»Damião de Gois—Crónica de El Rei D. Manuel—cap. 53—Parte 1.ª.

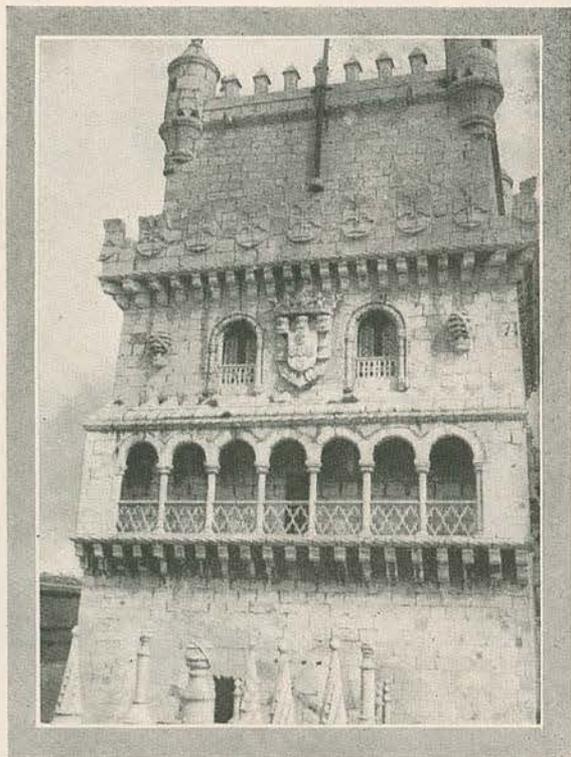


PASSADA a barra, entre a mole pesada e característica de São Julião e a simpática e inofensiva Bugio, abre-se aos olhos do viajante um segundo panorama. A entrada de Lisboa sucedem-se os quadros como nas transformações do palco. Este que se avista então, é um deslumbramento. Ao fundo, no nevoado da fumaceira fabril, a Torre de Belem. Olhada ela, já os olhos se não afastam, e ficamos cativos do espectáculo. A Torre: que suprema beleza a das suas linhas! que elegancia de forma! Sem deixar de ser fortaleza, arrenda-se em delicadezas de estilo como uma joia! Sem

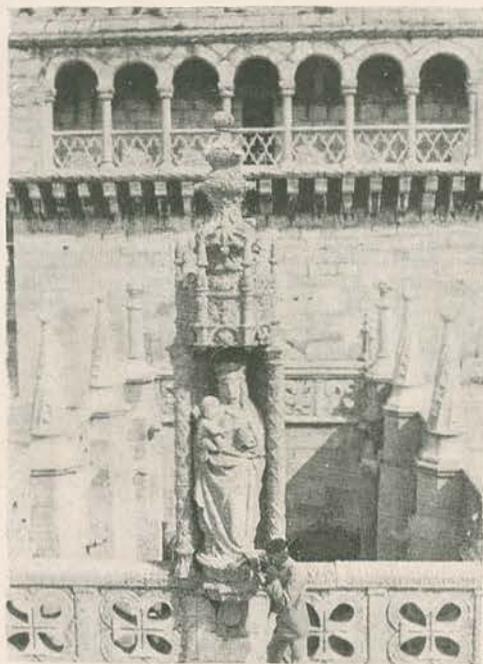
deixar de ser uma galantaria de construção é uma afirmação de poderio! Domina e encanta; e sabe ser delicada conseguindo ao mesmo tempo ser grande. Todos os roteiros do mundo a mencionam. Guias de turistas, livros de viajantes, agendas de companhias e empresas apontam-no como o mais típico monumento português, o primeiro a admirar, o ultimo a esquecer. E' que cathedraes góticas ha muitas. Mosteiros, como o da Batalha ou dos Jeronimos, tem-as o estrangeiro melhores ou peores, semelhantes ou similares. Igrejas, museus, curiosidades arqueologicas, ou architectonicas ha lá por fóra que farte. Torre, como a de Belem, nenhuma. Monumento como esse, não existe em parte alguma do mundo. E' tão nosso, tão cheio de caracter, tão original, tão português, significa tanta coisa para nós, falamos de tão belos empreendimentos, recordamos tais poderios e factanhas, que o adoramos—mais do que conserva-

lo—é um dever de artistas e de patriotas. Outrora sentinela vigilante do nosso porto, guarnecida de canhões e de soldados, senhora de toda a sciencia das salvas, das bandeiras e dos sinais, afirmava ali, á entrada da barra da capital, como se fóra á entrada de todo o país, a nossa soberania, o nosso poder. E então falava mais pela alma lisa das colubrinhas do que pelo rendilhado da sua pedra. Hoje emudecida, simples padrão de glórias, mero relicario de recordações, não podendo já defender senão o passado, não sabendo já prender senão os olhos, exprime apenas— com toda a eloquência solene dos seus contrafortes e todo o pal-

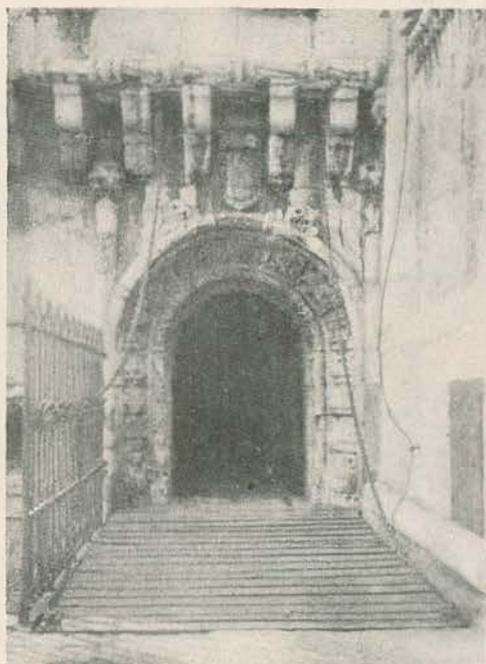
reiro cantar dos seus lavores, o sentimentalismo, a poesia, o fatalismo-messiânico da nossa raça de navegadores. A Torre de Belem é alguma coisa. Pergunte-se a Hauzt ou seu parecer, inquiria-se de todos os viajantes antigos e modernos e veja-se o que eles dizem. E' um hino de louvores! Os mesmos que tudo depreciaram chegam ali... e curvam-se. Aos soberbos, que veem cheios de Londres, de Florença, de Roma e de Paris, cava-se-lhe na frente uma ruga de atenção que destaz o seu sorriso preguiçoso de ironias. A Torre de Belem! Pensem os portugueses um pouco. Respeita-la, é respeitarmos; defende-la é defendermos. Foi um poeta quem a fez. Um architecto não produziria obra tão completa. Além da sciencia construtiva da engenharia militar, ha uma espiritualização de linhas, um tal sentimento de forma, uma tão alta expressão cavaleirosa no debuxo do architecto, que só de um cerebro de troveiro poderiam brotar. Fê-la



A Torre de Belem vista do lado do rio.



Torre de Belem. O nicho da Senhora.



Entrada da Torre.

Garcia de Rezende, o moço de escrevaninha do Principe Perfeito, dizem alguns. Outro poeta seria se este a não riscou. E porque não havia de ser ele?

Talvez pensando na Torre foi que Rezende escreveu na crónica do seu rei e amigo: *Eu debuxava muyto bem, e elle folgava muyto com isso, e me occupava sempre, e muytas vezes o fazia perante elle, em cousas que me elle mandava fazer!*

lhe á volta, colando-se á base. Lichnowsky viu-os em 1842 e fizeram-lhe engulhos, a ele que não percebia nada de arte e que compara a torre ao *doujou* de Gisors, admirando-lhe o estilo mourisco e a architectura feudal!!! Depois enxertaram-lhe o telegrafo que tambem inojou o principe. Mais tarde, na plataforma senhoral, puzeram-lhe uma caranguejola de ferro com um farol, e, ha trinta e dois anos, o

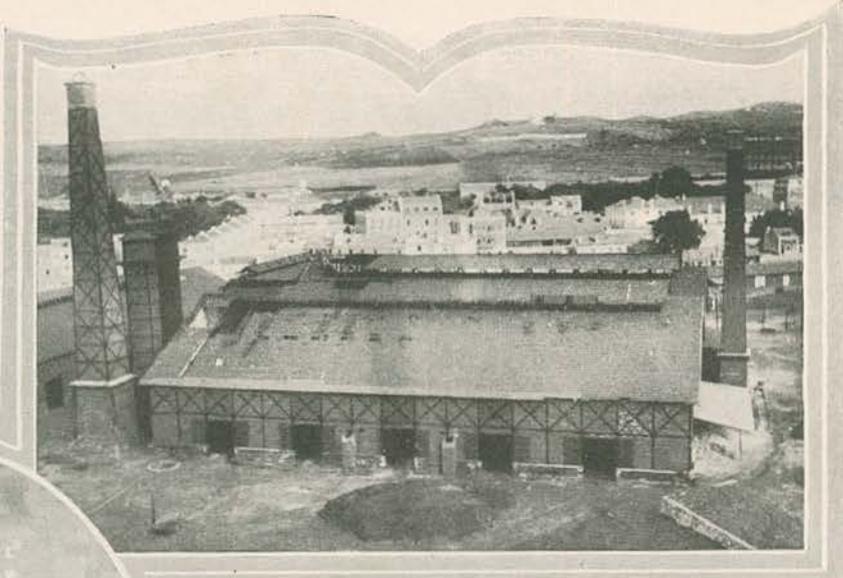
Pois amigo lisboeta, ahí está a Torre. Olha-a bem. A praia avançou e prendeu-a á terra. Mau principio! Já a agua a não rodeia isolando-a e defendendo-a dos homens, muito mais incoscientes e perniciosos do que o temporais. A's ondas resistiu ella sempre; em face dos homens, deixou-se vencer. Foi o primeiro perigo. Vieram depois uns casinhotos pelintras, aninhar-se-



Uma das salas que serviu de prisão.

nefando gazometro de odienta memoria—A seguir ao monstro que mãos abençoadas arrancaram de lá, veio o peço de tudo os depositos da companhia do ex-gaz. O insulto transformara-se em ataque. Da afrronta ao monumento, tapando-o e conspurcando-o, passou-se ao assalto iconoclasta. Corroem a pedra veneravel as emanções dos depositos, a pcondrecman te decompõe-na. As cantarias da facee norte do monumento esbooram-se

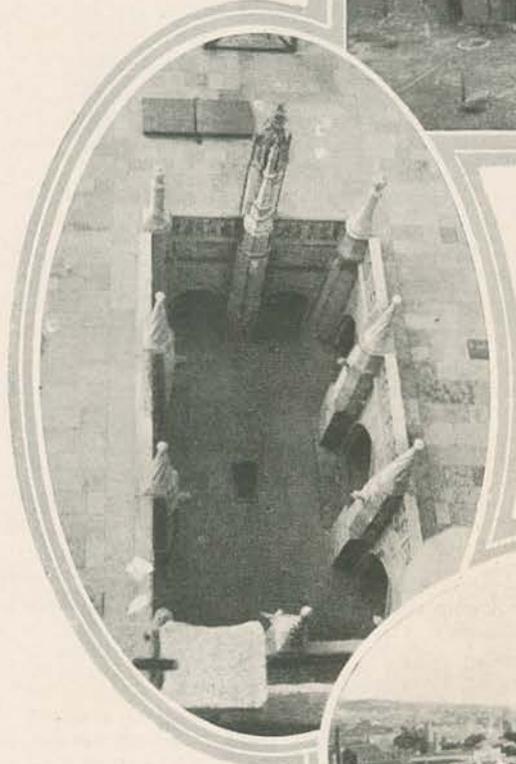
como calça. E ha anos que isto sucede! Reclama-se de um lado, protesta-se de outro, lamentam-se muitos. De que vale isso porém? Ha um contracto, um artigo, uma clausula, um não sei quê, emfim, que por muito que valha juridicamente, é um zero perante a enormidade do vandalismo. O conselho de arte e arqueologia e a comissão dos monumentos nacionais, são organismos



Uma vizinhança incomoda

zação do primeiro e do ultimo canto da nossa epopeia marítima — a partida para o mundo ignorado e a volta do mundo descoberto — onde a cadencia dos versos e a musica das rimas se transmudou na enritmia das linhas e na gracilidade das formas, vai chegar talvez a sua hora de justiça. E tenham a certeza os seus salvadores e amigos, de que esse acto de alto patriotismo os penitenciará dos passados erros, sendo marcado no balanço final em justo desconto dos seus pecadilhos artisticos. E até a propria Torre lhes agradecerá, quando livre, emfim, da incômoda e suja vingança, desenfarruscada e livre, poder brilhar mais e melhor, sob este esplendido sol, sol que lhe patina de oiro a pedra veneravel no deslumbrador sorriso com que o passado nos sabe sorrir.

Matos
Sequeira.



Vista tirada do terraço

putrificados, mudos e quedos como peneiros, onde as actividades se mumificam e onde os esforços se despedaçam contra a absurdidade da sua organização. Não têm força, não têm autoridade e não têm dinheiro. As associações particulares, como a dos architectos e a dos archeologos, sabem bem, por dura experiência, que o resultado dos seus gritos é apenas o de enrouquecerem. Os governos são eternos mercadores no ouvir. No parlamento houve quem levantasse a voz: o dr. Afonso de Lemos, o dr. Alberto Xavier! Na camara tem havido despremiadas energias que o desleixo amortece e a burocracia cança. Fala-se agora em desafrontar a Torre. Grande Deus! Anuncia-se mesmo a remoção dos depositos! Alviçaras para o português que o conseguir. Se fosse possível destacar, da praia, a torre, isso então era oiro sobre azul. Rodea-la de agua, como outrora, restitui-la á primitiva situação, parece-me que seria obra ajuizada, ma's para garantia da sua integridade do que por simples espirito tradicionalista. E de ahí talvez seja muito! N'estas época de mesquinhas, onde o culto do manipanso observe devoções, relegando-se para plano infimo todos os outros cultos, quasi admitindo-se a hipótese de se mudar a Torre mais facilmente do que os tanques do gaz, tentar empreendimentos de mero interesse artistico é desmarcada ingenuidade. Contentemo-nos com o beneficio possível, e gozemos em silêncio com a idéa de lhe arrancarem da ilharga os ignobeis depositos? Sursum corda! A essa maravilha do renascimento português que é como a cristali-



Cercanias da Torre



O cartaz dos archeologos



Os Cães



O cão segue a sorte do gato. Cães de caça, cães de fila e cães de gado. A fidelidade do cão. O filósofo e os cães. O cão benemerito, o cão martir e o cão policia. Os cães da rua, sala de cães. O exterminio do cão.

Afinal tambem o cão não está contente. Os homens da carroça tendo caçado o gato entraram de apanhar o

cão para terem o cão e gato e verem se eles emfim fazem as pazes e acabam com a guerra secular que entre si mantem. Dizia não sabemos quem, que a fidelidade do cão consistia em muito medo e pouca vergonha, mas isso é apenas uma frase, visto que nenhum cão a veiu confirmar ou desmentir.

O velho filosofo alemão dizia que se não fossem os cães ele não gostaria de viver. Hoje teria que se resignar a viver sem eles visto estar provado que os cães propagam a raiva.

Querem alguns filosofos inimigos de Schopenhauer que isto seja assim desde que os cães o tiveram por amigo e lhe escutaram a filosofia. Mas é sabido que quem é o teu inimigo é o oficial do teu officio.

Ora o cão é um excelente animal. Caça os lobos na serra, e socorre os feridos. Descobre os ladrões e ladra aos suspeitos. Pucha ás metralhadoras e ás carroças de legumes. Frequenta a sala dos reis, o palacio dos senhores, a casa dos burguezes e vae com aristocratas, nobres, burguezes e plebeus á caça, quando não se chama Piloto e vive na mata com o menino, d'onde nasce a his-

toria velha do *Menino da mata e o seu cão Piloto*.

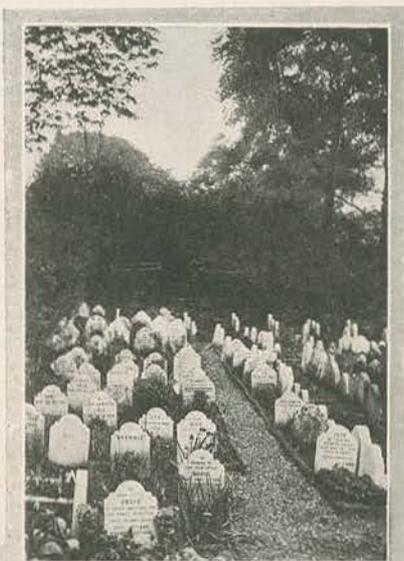
Pois o cão digam o que disserem é um animal superior. Canan Doyle fez com ele um dos seus melhores romances *A lenda do cão fantasma*. Guerra Junqueiro tem no *Fiel* uma das suas obras mais queridas, e, quer nos *boudoirs* perfumados das mulheres gentis onde se acoita Fox-Terryer, Huelm, Petit-anoir, Mops, etc., ou o quer que seja, quer nos descampados e charnecas, pobre cão vadio que não tem *coleira e que não paga imposto* ele é sempre um animal meigo, sociavel, verdadeiro amigo do homem emfim. Ha até historias comoventes de cães que vão morrer sobre a sepultura dos amos, d'onde lhes vem talvez o serem o simbolo da fidelidade como a onda e a mulher o são da inconstancia.

La dona é mobile.

O uivar do cão!

Que de infinitas máguas n'esse agoreto e morbido apregoar de soluços, pelas noites vagas, em que a lua não brilha e a noite é como um imenso véu de silencias!

E que de canceiras e privações d'aqueles que atirados para a *sala dos cães*, como o vulgo alcunha a rua sem guarida, passam a verdadeira *vida de cão*, escorraçados, corridos de terra em terra como pestiferos, escalavrados pela fome, chicoteados pela chuva e pelo frio,



O cemiterio dos cães no Hyde Park em Londres e em Molesworth, Huntingdon



Os cães brinquedo de «Caran d'Ache»



dias e dias sem topar um osso para esbrugar, olhando os lares quentes e cheirosos, roçando o pêlo tinoso pelas uvas verdes ainda, tão verdes que *nem cães a podem tragar* como dizia a raposa!

E no entanto, é ele o heroe das caçadas, o que se fila ás espadas do porco montez sem o largar, o que vai descobrir o rasto das perdizes escondidas de medo, o que afocinha a lebre na carreira desvairada, o que, senhor do grande faro, vai encontrar a peça de caça morta entre as urzes, e a traz alegre e ufano, suspensa nos dentes pontegudos, latindo satisfeito aos pés do dono.

Mais de um humorista tem feito representar a Inglaterra pelo Bull-Dog, essa caricatura viva da raça canina, e os chamados cães holandeses, rasteiros e longos, de pernas curtas e orelhas pendentes teem servido para muita charge á politica internacional.

Em varios brazões de casas nobres a figura do cão entra como logrogrifo heraldico, preso a qualquer tradição de fidelidade, ligado a qualquer feito de molosso, perpetuando assim a lembrança d'uma gratidão ao nome d'um a familia, e é flagrante nas embarcações de pesca ou carga, que durante estações inteiras se perdem sobre a vastidão das ondas, a presença d'um cão Terra-Nova, nadador e cabelludo, por vezes tosquiado até meio, o que lhe dá um aspecto

bizarro, saltando entre os cabos, farejando terra a distancia, latindo á tempestade que se avizinha.

Como guarda é ainda o cão que tem o premio do ouvido fino e do aviso pronto,



Mas saltam dois cães de gado Que eram como dois leões

e são sabidas as historias d'esses pobres cães que acompanham os regimentos, sacudindo a cauda como gallardete de festa, trotando á frente da banda, inquietos, dando o alarme rapido quando o inimigo se descobre, atirando-se a ele quando a furia do combate é mais aceza, mas a par d'isto, emparelhando com esta renitencia defensora e agressiva, que de caridade e inteligencia, que de filantropia e doçura n'aquelle cão guia de cego, escolhendo o caminho menos pedregoso por causa do andar incerto do dono, parando de quando em quando para que o cego se não fatigue, docil e brando, meigo e carinhoso, ele que podia n'um repelão conquistar a liberdade que lhe fugiu no olhar do cego a quem guia, mas de quem é o unico amparo!

E aqueles outros que feitos animaes de tiro, atravessam as zonas de guerra, arrastando cuidadosamente as macas da ambulancia, na condução de feridos! Vae o cão ser tambem exterminado? Não haverá maneira de dar cabo do microbio da hidrofobia senão matando-lhe a origem? Os coelhos e os ladrões dizem que não.—Henrique Roldão.



A Patria de Vasco da Gama



SINES — Um pequeno trecho da baía semi-circular, que olha para o sul, e que tem no fundo, sufficiente altura para abrigar navios de grandes lotações.

PARA cima dos rochedos que o oceano orla de franjas de espuma no embate das suas ondas, ergue-se a historica vila de Sines, com as suas casinhas muito caídas, brilhando aos raios do sol.

Modesta na linha arquitétonica dos seus predios, é, porém, cheia de belezas naturais e oferece aspéctos imensamente pitorescos.

Algumas casas conservam ainda as alpendrades e os balcões típicos de arquitectura antiga — talvez a moirisca! Aglomeradas á beira da fraga,

praías caprichosas, umas de fina areia outras de seixas, emolduradas de escarpados rochedos.

A primeira d'estas fica no sopé da garbosa vila e é a destinada, pela sua situação, ao trafego piscatorio e aos banhos dos veraneantes que todos os anos, de Agosto a Outubro, aqui afluem a retemperar a saude.

Patria do nosso mais glorioso navegador, é tambem a patria d'uma numerosa



NA PRAIA DE SINES. — Um pescador no pontal.

classe de pescadores, alguns d'elles verdadeiros heros do mar.

Julio Junior.



SINES — A estrada que conduz ao caes de embarque. (Vista de Leste).

ma lindo em que a vista se encontra deliciosamente enlevada.

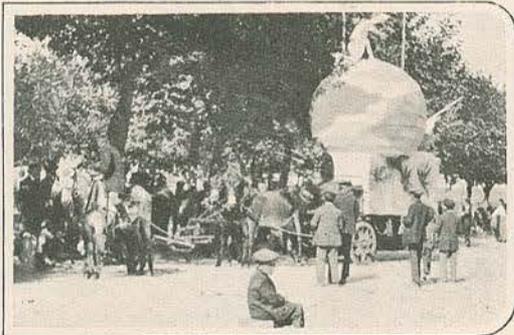
Desde a de Vasco da Gama á de S. Torpes, succedem-se algumas



SINES — Panorama da vila e parte da praia Vasco da Gama, que é uma das melhores da costa para banhos, além de deliciosa como ponto de vista.

Vista parcial da historica vila de Sines, destacando-se ao fundo o castelo e a egreja matriz, um templo muito vasto, que pertenceu a beneficiados da ordem de S. Tiago.

(«Clichés» gentilmente cedidos á «Ilustração Portuguesa», pelo sr. Julio Gomes da Silva Junior).



A Parada Agrícola e Cortejo da Povoação do Varzim

por João Luiz Carreira



A caravela. Carro alegórico. Carro apresentado pela classe piscatória.

Carro empregados no comércio. A tecedeira. Carro alegórico.

Abertura do cortejo



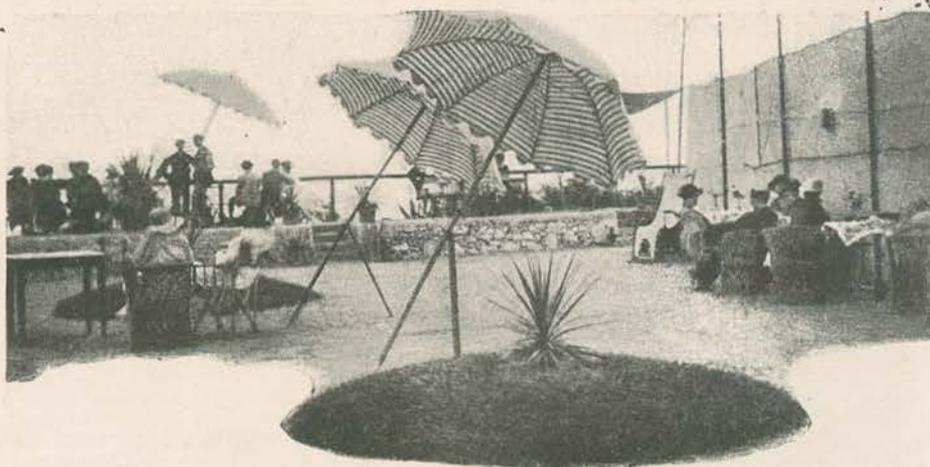
Carro dos lavradores



Outro dos carros alegóricos

NO "TENNIS-CLUB" DA FIGUEIRA DA FOZ

Uma das praias mais concorridas do nosso paiz é, sem duvida, a da Figueira da Foz, onde no «Tennis-Club» se tem realisado algumas festas elegantes.



Na Figueira da Foz. O «five-o'clock-tea» na esplanada do Tennis-Club»



Aspétos da animação na praia «Tennis-Club»



No «Tennis-Club». O jogo da malha
(«Clichés» Serra Ribeiro).

LISBOA MONUMENTAL

As Novas Construcções. A Estética das Ruas. Como se Transforma uma Cidade.

O BANCO COLONIAL PORTUGUEZ



Fachada do novo edificio do Banco Colonial Portuguez na Rua Aurea

LISBOA, a capital da Republica Portuguesa, parece ter entrado definitivamente n'um caminho de rejuvenescimento, digno da situação que ocupa, em relação ao paiz, e da que pretende e deve ter para os estranhos que nos visitem por gosto ou necessidade.

Desde ha algum tempo que esta tendencia se manifestára, no rasgamento das novas avenidas, traçadas com largueza e subordinadas ás exigencias d'uma população que visivelmente aumenta de ano para ano, orladas por edificios na sua maioria construidos de novo, quasi todos de linda apparencia e soberbamente proporcionados.

Depois varios estabelecimentos se alindaram, outros, que se crearam, procuraram, tanto no seu exterior como interiormente, exhibir qualquer coisa de artistico e comodo que os fizesse rivalisar com os similares do estrangeiro, collocando-nos no plano de civilização a que ascendemos logica e legitimamente. Dois teatros se construíram, outro se renovou e, em todos, as salas sofreram modificações.

Só merecem louvores estes esforços, que, continuados, apenas sob o ponto de vista do turismo — e muitos outros haveria que encarar — trarão para todos nós beneficios incalculaveis, que redundarão em riqueza e consideração mundial.

O commercio vem-se desenvolvendo por uma forma que muito deve animar-nos e se as industrias, livres dos embaraços que as tolhem e não podem deixar de ser momentaneos, o acompanharem, a prosperidade que se antevê tornar-se-ha um facto de grande influencia para a economia geral e progresso do paiz que muito devemos amar porque é o nosso e pelas gloriosas tradições que nos legou.

N'esta serie de melhoramentos, para alguns contribuiu 'o Estado, com novas installações de seus serviços e outros em via de conclusão ou projectados, a que desnecessitamos dar pormenorisação.

Mas a iniciativa particular sobrepuja-se lhe e só ha que incital-a para que n'essa senda continue.

Uma d'essas iniciativas chama agora a nossa atenção para o relevo que merece, tanto esforço e intelligencia significa e uma fé nos nossos destinos que é um alento e um consolo para todos quantos desejam Portugal honrado no concerto das nações,

muitos edificios belos, deite-se abaixo o que houver que arrazar e Lisboa surgirá formosa, com uma estetica moderna, de ruas lindas, transformada no seu aspéto sedico, ambiente proprio de melhores e prometedoras gerações.

Este espirito animaria o fundador do novo Banco, o considerado e prestigioso capitalista sr. Candido Soto Maior e os seus valiosos colaboradores. Da sua tenacidade e da sua inteligencia privilegiada fala a obra que estas linhas sugeriu.

Referimo-nos á fachada do Banco Colonial; mas as suas muitas e amplas dependencias interiores com ela se harmonizam. Logo no pavimento que se nivela com a rua se fica soberbamente impressionado, tal a forma como se aproveitou espaço e se teve em conta as necessidades e a economia de tempo d'um estabelecimento da sua natureza, do respectivo pessoal e do publico que ali é convidado a transacionar. As decorações exibem uma grande sobriedade e a mesma nota elegante do exterior a tudo orientou. O rico lambris de carvalho que reveste as paredes, o traçado das divisorias, os simples motivos ornamentaes são outros tantos testemunhos d'um gosto invulgar, que muito honram quem imaginou o conjunto e proficientemente o dirigiu. A' direita de quem entra fica o gabinete do gerente, o sr. Emile Borde, pessoa de reconhecidas capacidades no meio e que desde o inicio acompanhou todos os trabalhos. D'ali vigiará solicito para que a clientela seja atendida rapidamente e sem confusões.

No andar nobre ficam as salas da direcção, de espera, para as dactilografias, a central telefonica e todas as que se destinam aos serviços internos: contabilidade, correspondencia, informaçoes, arquivos, etc. O decorativo geral equala-se na simplicidade severa, mas cheia de beleza ao rez-dochão e á frente.

No 2.º pavimento instalou-se a companhia de seguros "Sigres", e no 3.º, 4.º e 5.º, onde as obras não estão concluidas, serão as dependencias destinadas a outros serviços já creados ou que venham a crear-se para facilidade da sua expansão.



Gabinete da Direcção



Outro aspéto do Gabinete da Direcção



1. Sr. Candido Soto Maior, fundador do Banco—2. Sr. Candido Soto Maior Junior, fundador.

com o direito que lhe dá a sua historia de heroiciidades e grandes sacrificios pela Humanidade.

Queremos referir-nos ao Banco Colonial Portuguez, creado ha pouco e ha pouco solenisado na sua inauguração com a assistencia de tudo quanto na nossa sociedade representa atividade consciante, firmeza de vontade, talento progressivo e mór patriotismo.

O edificio onde estabeleceu a séde foi levantado desde os socalcos, ali, na rua Aurea, uma das nossas mais movimentadas arterias, exibindo logo na fachada monumental, cheia de imponencia, um grande desassombro de linhas arquiteónicas, caracterisando bem na sua severidade, que não afasta a elegancia, o fim para que se erguera. E' uma fisionomia esse edificio, nitidamente expressiva, e quando n'ele penetramos, só temos que constatar que nos não iludiu, na justeza da sua expressão.

Poz-se de lado o chamado estilo pombalino, pesado, archaico, não já consentaneo da epoca que atravessamos. Antes o fizera o Banco Lisboa & Açores, antes o haviam feito outros. Sem desrespeito para a memoria do Homem que tão grandemente impulsou Portugal, modificando a sua politica e toda a sua estrutura economica, achamos que se procedeu como o progresso nos impunha. Homens do no:so tempo como elle do seu, não podemos nem devemos parar, e só teremos que desejar, devemos querê-lo firmemente, é que o exemplo frutifique. Construam-se



Sr. Antonio Vieira Pinto, fundador

Dois ascensores ligam o andar no bre ao pavimento inferior e outros dois, em construção, junto das escadas, servirão todo o prédio.

Sob o aspecto que nos interessa, o da Lisboa monumental e a sua transformação, este palácio é uma obra notável e como tal para ela chamamos a atenção do leitor. Mas fazendo uma pequena digressão, não menos interessante porque se prende com a economia portuguesa, fecharemos o presente artigo com a indicação dos planos de trabalho do Banco, conforme aos esclarecimentos obtidos.

Fundado o estabelecimento pelo sr. Candido Soto Maior, a cuja intelligencia essencialmente pratica e patriótica auctacia prestamos culto, tem logo como seus melhores e valiosos cooperadores os banqueiros srs. Pinto & Soto



Henrique Augusto Ferreira, Director.

Maior; a «Sagres», a que já fizemos referencia e o seguro apoio das importantissimas casas, do Rio de Janeiro, Soto Maior e Banco Portuguez do Brazil. Para a ligação de todos estes organismos, d'uma perfeita e poderosa homogeneidade, porque em todos predomina a égide prestigiosa do sr. Candido Soto Maior, assim como das agencias que o Banco Colonial está montando em Lourenço Marques e em Loanda, donde irradiarão as que se projecta em todas as possessões portuguezas, trata ainda o sr. Soto Maior da creação d'uma companhia de transportes maritimos, motivo da sua recente viagem ao Brazil onde, o acolheram com o carinho de que telegraficamente tivemos conhecimento. Servido por tal forma e com tão consideraveis elementos, o Banco, cujo capital é de 100:000 contos e o realiado de 10:000, propõe-se fazer todas as operações usuas no continente e no seu patrimonio de além-mar, procurando facilitar, a dentro do regulamento por que se rege e conforme a sua organização moderna, perfeitamente adequada ás circunstancias, o fomento nacional.

Como seu director conta o Banco o sr. Henrique Augusto Ferreira, ex-administrador da Filial do Banco de Portugal no Porto, figura cheia de destaque pela sua



Sala do expediente.

admiravel actividade, talento e conhecimentos técnicos, participando da sua administração os srs. José Francisco da Silva, lente da Escola Naval e colonial distiuto, e Manoel Maria da Silva Bruschy, ex-dirêtor da Fazenda Publica.

Empreza de largo alcance patriótico, a sua aparição d-ve saudar-se efusivamente, com o desejo das suas maiores prosperidades e felicitações para os que hão de e:etivar-lhe o vasto e rasgado programa.

Sob os aspectos porque encaramos a aparição do Banco tinha este «magazine» que registal-a, com tanto mais contentamento, quanto é certo que nele vê motivo de importantes progressos para Portugal, impulsos generosos e decididos para as industrias e comercio que ofereçam garantias, independentemente da indirecta influencia que geralmente ha de fazer-se sentir.

Concorrerá tambem para o estreitamento de relações com essa segunda patria além-Atlantico que são as Ferras de Santa Cruz. Vindo precisamente quando tão grandioso ato preocupa capacidades e intelligencias de ambos



Gabinete do Gerente



Outro aspecto da sala do expediente.

os mundos pelas suas resultantes, é ainda um altissimo serviço que ha de dever-se-lhe, e que nunca poderão olvidar os que lhe compreendam o formidavel alcance.

Policias



policia, se deve muito ao sr. Pina Manique, o sr. Diogo Inacio de excellentissima memoria, tambem deve imenso ao caricaturista Leal da Camara, o mesmo que teve a idéa da «Aldeia Portuguesa, na Flandres». E' certo que o sr. Pina Manique a organizou, mas quem

lhe deu imortalidade foi o lapis do caricaturista. Leal da Camara desenhou policias de todos os feitios. Em pé e sentados. De bigode, de mosca, de pera, de bigode e pera, deitados, a correr, a espreitar, a telefonar, a cocar, a vigiar, a zelar. O policia para ele não tinha segredos e sabia, por aquelle saber só de experiencias feito. que um policia secreta e um policia fardado são tão

parecidos como duas rodas do mesmo carro ou dois fuzis da mesma cadeia. E' que *A Marselheza* e *A Corja* eram os jornaes de maior circulação no Governo Civil e bastantes amargos de boca deram ao seu autor. Mas se a policia o vigiava,

o perseguia, o multava, o prendia, o apreendia e atuava o artista vinzava-se manufacturando policias pintados em todas as posições e de todos os feitios. Ora era um homem féro de féra catadura com um bengalão enorme o que lhe fazia dizer: «O policia secreta é um

policia disfarçado que pelo disfarce toda a gente conhece», ou era um fardado de luvas brancas a que punha a seguinte legenda: «Luvas nas mãos e luvas nos pés. Está provado que são quadrupedes». Foi isto antes, muito antes, do 5 de Outubro e os policias tinham botões prateados, espada e revolver.

Depois o 5 de Outubro chegou. Deram ao policia um

capacete, uma farda e uma fita vermelha e verde para o braço. Foi o Santo Antonio dos patifes. O que o santo fizera ás bilhas fez Alfama e a Mouraria aos policias. Desatou a partir n'elles com tal entusiasmo que o governador civil tirou-lhes o



O novo uniforme da policia de Lisboa.





CARRS E CARREAS



Caricaturas de Leal da Camara

capacete e deu-lhes novamente o chanfalho e o revolver. O 13 de Dezembro deu aos policias alem do sabre e da pistola mais uma espingarda. E por essa altura uma policia era uma fortaleza ambulante. Agora no 5 de Outubro a policia volta ao capacete e á pistola. O sabre foi substituido por um elegante e contundentissimo *casse-tête* de borracha. Não perde na troca que não sabemos qual seja melhor, se uma sabrada, se uma pancada do *caoutchut* policial.

Hoje a policia é boa mas ainda é pouca. Está bem comandada e bem dirigida, mas falta-lhe muito em material e em dinheiro para ser o que deve. O policia de hoje já não é o selvagem que Celso Herminio caricaturou na sua receita de fazer policias em quatro tempos: «Pega-se n'um selvagem qualquer», e aparece o selvagem á paisana. «Ensina-se-lhe a continencia», e já o selvagem está fardado. «Dá-se-lhe um sabre, um revolver e um apito... e está um policia feito», receita que re-produzimos em caricatura.

Hoje já a policia é uma corporação e já a gente está um pouco distante da epoca em que o pensamento em Portugal estava como uma luva na interpretação que Celso Herminio, interpretando o sentir geral, lhe déra. Um policia sentado sobre o tinteiro,

açambarcando todas as penas jornalisticas. Felizmente. E entre tanta ironia caricaturada, desde os policias de Rafael Bordalo Pinheiro até aos caricaturistas de hoje, o leitor pode ver o modelo do novo mantenedor da ordem, Belzebuth de vadios e gatunos, amparo e esperança da propriedade de cada um, tranca á porta das casas roubadas. Alem de tudo isso o policia tem hoje filantropico

fim. E' um distribuidor de sopa aos carecidos d'ela. Sopa de *caoutchut* e bem distribuida porque ele dá o cavaquinho por molhar a sua sopa.

Ha muito quem deprecie a policia. Ha muito quem a lisongeie. Nós somos pelo meio termo. Quando isto com ela está assim imaginem os senhores o que não seria se por acaso ela não existisse...

De capacete e *casse-tête* o nosso policia, ganha o aprumo que deve ter o encarregado de manter a ordem n'uma cidade tão grande como é Lisboa.

E' preciso, ao noticiar o aparecimento do policia, fazer votos para que desapareça o gatuno. Achamos bem pois, que se dê tambem ao gatuno um capacete, o capacete com que ele vá até ás colonias por conta do governo, livrando-nos de que fique por cá a viver por nossa conta...



Um policia
Caricatura de Francisco
Teixeira (Almanach de
«O Dia»).

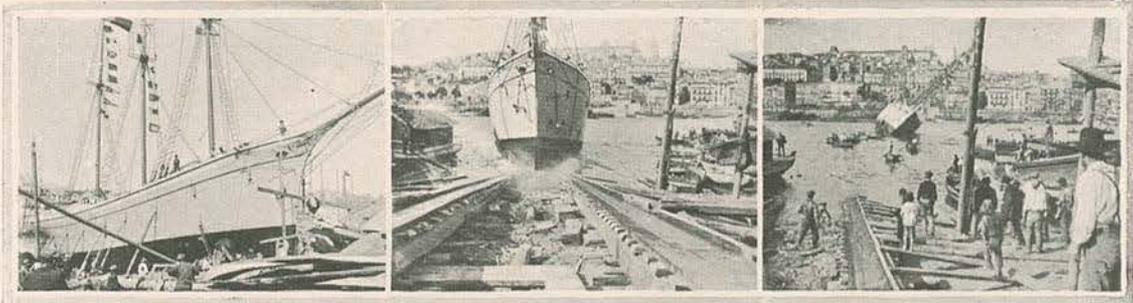


O Pensamento em Portugal
Caricatura de Celso Herminio («D. Quixotes»)



Policia dezembrista
(Caricatura de Rocha
Vieira).

ATUALIDADES



O lançamento do lugre «Diamantino» em Vila Nova de Gaia
O lugre na carreira Deslizando

O desastre
(«Clichés» de Alvaro Martins).



1. O incendio na doca de Santo Amaro. Aspêto tirado da margem sul do Tejo. («Cliché» Serra Ribeiro). — 2. Uma tourada no Alentejo (Montalvão), vendo-se na praça o filho do lavrador sr. Leandro P. Fausto. («Cliché» Faria Pimentel). — 3. D. Angelica Moreira Lopes recentemente nomeada diretora da Escola Normal de Campolide.

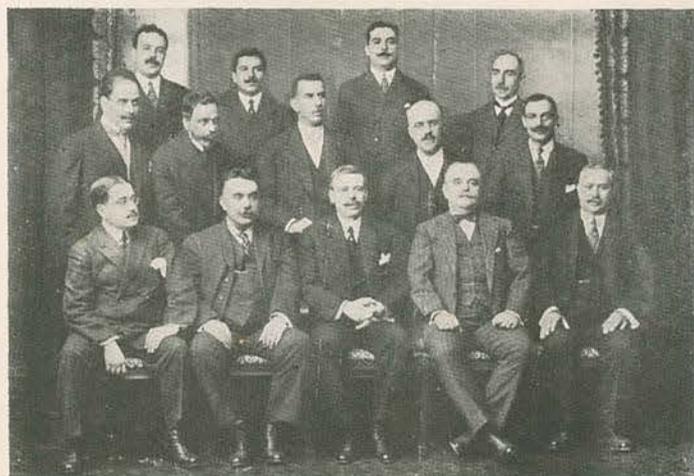


O lançamento do lugre «Diamantino» foi emocionante pelo desastre que o rematou. Nos «clichés» que acima publicamos vê-se o lugre aornido tendo a borda rasa com a agua do rio. Apesar d'isto, os esforços empregados conseguiram restituil-o á sua posição normal.

O incendio do entreposto de Santo Amaro foi tambem um dos casos da semana. A columna de fumo que os oleos, ardendo, produziram, erguia-se a grande altura, vendo-se da outra banda como na nossa gravura reproduzimos.

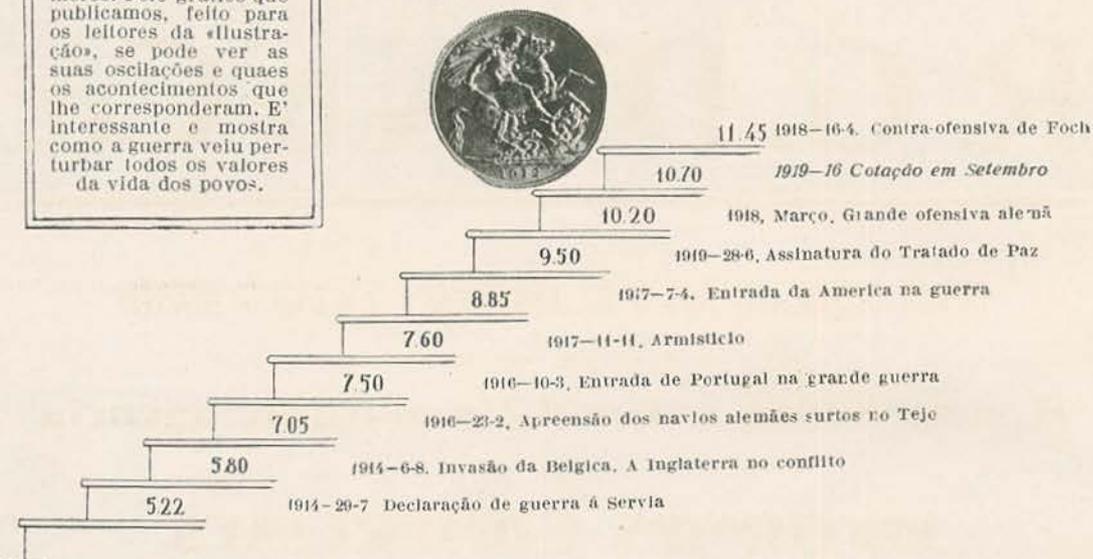


1. O major medico José Alberto Pereira, diretor da Escola Industrial Fonseca Benevides e professor do Liceu Garrett, e o ator António Costa, ambos recentemente falecidos em Lisboa. — O sr. dr. Anibal de Macedo Chaves com os empregados que serviram sob a sua chefia na Direção Geral das Contribuições e Impostos. Da esquerda para a direita, 1.º plano, sentados: Srs. Severro Portela, J. A. Alves d'Azevedo, dr. Anibal de Macedo Chaves, Visconde de Silvares e Artur Castelo Branco. 2.º plano, ao centro, de pé: Srs. Gaudencio Pires de Campos, Francisco Guedes Mansilha, que faleceu recentemente, João de Deus Camacho Pimenta, Jorge de Quental e Carlos Pais d'Albuquerque. 3.º plano, ao fundo, de pé: Srs. Carlos Soeiro da Costa, José Ribeiro de Carvalho, Americo Alves d'Azevedo e José J. Vieira de Souza e Silva.



A subida da libra

A libra desde a declaração de guerra tem subido a escadaria dos números. Pelo gráfico que publicamos, feito para os leitores da «Ilustração», se pode ver as suas oscilações e quaes os acontecimentos que lhe corresponderam. É interessante e mostra como a guerra veio perturbar todos os valores da vida dos povos.



PELO EXTRANGEIRO

AS FESTAS DA PAZ EM HONG-KONG

Foram deslumbrantíssimos os festejos feitos em Hong-Kong, para comemorar a vitória dos aliados. Nas ruas engalanadas viam-se muitas bandeiras portuquezas. As nossas gravuras representam Sedder Street olhando para o Pico Vitoria e a cidade alta. O edificio Principe na Rua Chater. Ao fundo o edificio Jardine.



Aspétos do edificio Principe e a Praça das Estatuas (Statue Square)

1841-1919

*Casa fundada em New-York em 1841
Estabelecida na Europa desde 1857*

R. G. DUN & Co.

Agencia Internacional para o desenvolvimento e protecção do comercio

A mais antiga e a mais importante agencia

DE

INFORMES COMERCIAES

COM

245 SUCURSAES PROPRIAS ESTABELECIDAS POR TODO O MUNDO

EDITORES

DO

Liuro de Referencias sobre o CREDITO e o CAPITAL

Dos comerciantes e industriaes estabelecidos na America do Norte e Canadá

E DA

Revista Internacional de Dun

Publicada em New York em Portuguez, Espanhol,
Francez e Inglez para o desenvolvimento da industria e do comercio internacional

Central para PORTUGAL: **103, Rua do Comercio-LISBOA**
Sucursal: **10, Rua do Almada-PORTO**

M. FONT

Director geral para a Europa Occidental



A. MASCARÓ

Director para Portugal e Colonias



DOENÇAS DE PEITO

TOSSE, GRIPPES, LARYNGITE, BRONCHITE,
RESULTAS DE COQUELUCHE E DE SARAMPO

PULMO SERUM BAILLY

Sob a influencia do "PULMO SERUM"

A tosse socega-se immediatamente.

A febre desaparece.

A oppressão e as punçadões nailharga socegam-se.

A respiração torna-se mais facil.

O appetite renasce.

A saude reaparece.

As forças e a energia recobram vida.

EMPREGADO NOS HOSPITAES, APRECIADO PELA MAIORIA
DO CORPO MEDICO FRANCÊZ,
EXPERIMENTADO POR MAIS DE 20.000 MEDICOS ESTRANGEIROS.

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

MODO DE USAL-O

Uma colher das de chá pela manhã e pela noite,

Laboratorios A. BAILLY
15, rue de Rome, PARIS



Colares "Viuva Gomes"

— A MAIS VELHA MARCA
DE VINHOS DE COLARES

Unica premiada com "GRAND PRIX"

SUCURSAL EM LISBOA.

SEDE

Rua Nova da Trindade, 90

Telefone 1644

Colares-Almoçageme

Incomodine

Grande e unico especifico que energicamente e sem o minimo perigo ou inconveniente normalisa rapidamente a menstruação. Caixa (dose regular), com instruções em portuguez, 3\$00; pelo correio, registado e occulto, mais 100 réis. Deposito no sul: *Farmacia J. Nobre, Rocio, 109 e 110, Lisboa.* No norte: *Porto: Farmacia Dr. Moreno, Largo de S. Domingos, 44. Em Coimbra: Drograria Marques, Praça 8 de Maio, 34. Em Braga: Farmacia dos Orfãos, Praça Municipal.*

CASAMENTOS

DESEJAM casar-se legalmente uma senhora viuva, brasileira, digna e instruida, de 44 anos, sem filhos, e com fortuna superior a 70 contos, dos quaes a maior parte está em inscrições, e uma menina orfã, de 18 anos de idade actualmente num recolhimento, instruida, elegante, filha de distinta familia, com dote de 38 contos, com homens honestos e que possam provar a sua dignidade, exigindo-se sérias informações, embora não possuam grandes meios. Quem se julgue nas condições dirija-se (com selo para resposta) a *M. Club of New-York-Porto*. Responde-se a todas as cartas e guarda-se absoluto segredo. Esta casa já tem realizado distintos casamentos em Portugal e outros multos que já estão em relações directas.

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Uma pele linda



Não ha nada como as maçagens electricas para tonificar e embelezar a pele. Se tendes rugas, sardas, manchas, impingens, pele escura e feia ou se quizeres impedir estes incomodos, compra um APARELHO ELECTRODINAMICO do Dr. HINSON e fazel uma maçagem electrica durante 10 minutos todas as noites e ficareis sempre com a pele fresca lisa e rosada. Estes aparelhos são simplissimos, não é preciso ter a electricidade em casa e podem servir tambem para a destruição radical dos pêlos. E' o unico processo recomendado pelos medicos.

Preço do aparelho completo com as Instruções 3\$800 esc. (pelo correio mais 1\$00 esc.)

MADAME HILTON

Instituto Anglo-Francez de Beleza e de Electrolysis

Rua Anchieta, 21, 1.º D. (Ao Chlado)

LISBOA

Casa estabelecida em 1903.
A mais antiga e séria de Portugal.

Klidina

XAROPE

DE

iodo e GLICEROFOSFATOS
ASSOCIADOS
para tratamento das

CREANÇAS

raquiticas, escrofulosas, linfaticas

Substitue o Oleo de Figados de Bacalhau e o Xarope Iodo Tanico, com a vantagem de ter sabor agradabilissimo.

E a medicação propria dos climas quentes

FORTALECE AS CREANÇAS
ABRE-LHES O APETITE

Todas devem tomar

a

Klidina

PEDIDOS A

DAVITA, L. DA

63. RUA SODRIGO DOS SANTOS
LISBOA

Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Ações	500.000\$00
Obrigações	288.630\$00
Fundos de reserva e amortização	300.000\$00
Escudos	1.008.630\$00

SEDE EM LISBOA. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Lousã) Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instalações para uma produção annual de 6 milhões de quilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especies de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornais e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais. — Escritorios e depositos: LISBOA, 270, rua da Princeza, 276. PORTO, 49, rua de Passos Manoel, 51. — Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: *Companhia Prado*. — N.º telef.: Lisboa, 605, Porto, 117.



Redação, Administração e Oficinas—Rua do Seculo, 45—Lisboa

Os motivos da nova revolução



—A ele, irmãos, que já se gastou a «massa» toda!



PALESTRA AMENA

Cedulas & C.^a

Já que estamos em maré de podridões, tenha o leitor a bondade de apertar as simpáticas ventas e de ler estas duas regras a respeito das cedulas de 10 e 5 centavos, que por aí correm. Muito de condenar são os cavalheiros que vendem ao publico o bacalhau, ou batatas e o arroz pôdres; mas que se dirá de quem permite que andem de mão em mão, transmitindo varias doencas, cedulas amassadas com esturme?

E com esta agravante: do bacalhau, batata e arroz podemos nós livrar-nos, não comendo esses generos nem tocando-lhes, pois que, pelo cheiro, immediatamente conhecemos que estão em mau estado; a porcaria das cedulas temos de grama-las, quer queiramos quer não, temos de aceita-las, e de mete-las na algibeira, que assim fica conspurcada para todo o sempre.

E, apesar da nossa repugnancia, com que cuidado temos de tratar o avariado genero, para que se não inutilise! Agarramos n'uma cedula esfarelada, ensabada, ensardinhada, ençordurada — e guardamo-la com mil cautelas dentro da carteira, como se fosse um preciosissimo objecto, porque ao menor descuido desfaz-se e passa a valer zero no mercado.

— Mas que remedio quer você dar a isso? perguntará o leitor.

Perdão: essa parte não é comnosco. O nosso dever é apontar os males e chamar para eles a atenção de quem de direito; quanto aos meios de os extinguir, para outra coisa não estão no poder conspicios cavalheiros, que se tivessem sómente de pisar flores não mereceriam o que lhes damos a ganhar.

Não nos compete, repetimos, resolver o problema, mas um conselho dá-se seja a quem fôr, e então lembramos que se estude o que, sobre o assunto, se faz em paizes estrangeiros. Apostamos com quem quizer em como em Inglaterra, França, etc., isto é, em terras de gente de juizo, não circulam trapicalhos semelhantes, porque se algum governo em tal consentisse não estava tres dias no poder.

Quem permite tal nojeira não pode atirar pedras ao bacalhau pôdre do visinho.

J. Neutral.

Moeda internacional

Um professor estrangeiro propoz, como remedio para as flutuações cambiais, a criação d'uma moeda internacional, que denomina *numis*.

Achamos excelente a idéa, mas mau o nome. Lá fóra podem chamar-lhe como quiserem, mas cá dentro deve chamar-se *nicles*, que é como quem diz, fogo viste linguça.

Novo partido

Resolveu a Junta Central do Partido Evolucionista que se fundasse um novo partido republicano, que «estabeleça na sociedade portugueza o principio do equilibrio politico», confessando, implicitamente, que o que na dita sociedade tem reinado é o desequilibrio.

Ainda não está escolhido o nome que ha-de ter esse novo partido, mas pare-nos, em vista das declarações da Junta, que está encontrado desde já: será o partido equilibrista.

Aí fica a idéa.

Porque veio cá o sr. dr. Bernardino Machado

Fartaram-se os mais sagazes *reporters* de investigar as razões que levaram o sr. dr. Bernardino Machado a voltar a Portugal e, atinal de contas, nenhum acertou! A' primeira vista o problema parecia de facil solução, pois que sendo o ex-presidente da Republica um cidadão como outro qualquer, tendo aqui sua casa e bens, o motivo da sua vinda estava naturalmente explicado; mas, como o que é simples não entra em cachimonia portuguesa; vá de aventar hipoteses, que em breve caíram pela base.

Pois, senhores, fomos mais felizes de que os informadores dos jornais sérios e para conseguir os nossos fins



não nos servimos de estratagemas extraordinarios: um empregado nosso seguiu o sr. dr. Bernardino Machado, viu-o entrar n'uma chapelaria, entrou tambem e eis o que ouviu:

—Preciso de quinhentos chapéus, Tem?

—Tenho; estão á disposição de v. ex.^a.

—Ora até que emfim, exclamou o sr. dr. Bernardino Machado. Para um ano, chegam, e entretanto as chapelarias francezas fornecem-se.

—Então, perguntou o caixeiro, em França as chapelarias estão sem chapéus?

—Por emquanto, estão: estraguei as abas a todos.

Nada menos misterioso.

Pão com vidro

Noticiaram as folhas, com injustificado alarme, que certa padaria vendeu pães com vidro moído. E logo, as respectivas censuras, que, ao que se depreende do seguinte protesto, não tiveram razão de ser.

«Sr. redactor.

«Acabamos de ler nos jornais que as autoridades vão proceder contra alguns colegas nossos, porque venderam aos seus freguezes o pão com vidro em pó.



Esta perseguição de que estamos sendo vitimas indigna-nos, por ser de todo o ponto injusta. Sim, é certo que vendemos pão com vidro moído; mas então, o publico queria que o vendessemos com vidraças?! com garrafas inteiras?! com gargalos e outros pedaços de vidro?!

«Na verdade, não sabemos como havemos de satisfazer os freguezes. Pois não é sob a forma de pó que o vidro mais facilmente pode ser ingerido? Levamos o nosso escrupulo até reduzi-lo a particulas finissimas, impalpaveis, e ainda ha quem se queixe! Quando lhe deitavamos lixo, aqui d'el-rei que era porcaria! Se lhe misturavamos baratas, aranhas e outros bichos, a Sociedade Protectora dos Animais condenava-nos; optámos pelo vidro, que é asseadissimo, que é inerte—e ainda assim somos censurados!

«Sr. redactor: se continuar esta guerra contra nós, ainda acabamos por vender pão de farinha de trigo, sem a menor mistura, e o publico não terá remedio senão come-lo e habituar o paladar a esse desenxabido cereal. Continuem a atacar-nos e verão!

«Pela inserção d'esta defesa se confessa atenta e obrigada.

Uma comissão de padeiros.

Livros, livrinhos e livrecos

A ferro e fogo, por Eduardo Pimenta.—São notas da guerra, escritas com o primor de estilo e com o calor de convicção, que são as qualidades que mais resaltam do escritor, já conhecido por outras obras de vulto. Eduardo Pimenta viu e sentiu tudo o que descreve no seu novo livro e como sabe dizer com arte o que o impressionou, compoz no *A ferro e fogo* uma serie de quadros que encantam o leitor.

**Correspondencia**

Alda Q. — Ha muito tempo que não lemos versos tão bonitos como os de v. ex.^a. Vão na *Torre de Chifre*, que é logar que reservamos para a literatura cornea.

Sousa Dias R. — E' pena o artigo de v. ex.^a ser do tamanho da legua da Povoá. Se coubesse nas colunas do *Seculo Comico* ve-lo-hia em letra redonda, tambem na secção *Torre de Chifre*, que bem a merece.

Liberdade E. S. — Da idade que diz ter não se fazem versos, mas outras coisas. Por enquanto ainda não chega ao estribo do Regaro.

Viagem perigosa

Ainda não estamos em nós do susto que ha dias passámos, n'uma viagem que tivemos de fazer em caminho de ferro. Mal o comboio se poz em movimento, sentimos tiros no compartimento ao lado do nosso e exclamações como estas:

- Mata!
- Lá vem ele! atira!
- Dispar!
- Miseravel!

Não nos atrevemos a fazer o minimo movimento e esperámos que na primeira estação se desvendasse o misterio, algum horrivel crime, certamente, que facilmente seria descoberto.



to. Porém, quando o comboio parou, parou igualmente o barulho, cessaram os tiros e os gritos.

— Mataram-se uns aos outros, pensámos, sem contudo nos atrevemos a revelar o caso aos empregados da estação, com o natural receio de sermos incomodados para averiguações.

— Esperemos os acontecimentos, dissemos com os nossos botões.

Poz-se de novo o comboio em andamento e logo recommearam os ruídos: tiros, gritos, o diabo!

— Nada, na outra estação vamos vêr de que se trata. Afinal, o nosso silencio pode ter pessimas consequências.

Assim fizemos e eis o que presenciámos: os passageiros, de revólver em punho, estavam acocorados debaixo dos bancos, a tremerem como varas verdes, enquanto varios exer-

**Gabriel de d'Annunzio**

*Nós cá somos assim : na mão direita
A pena, para os versos preparada ;
Na esquerda (ou vice-versa) a nossa espada
Movida com furor, á guerra afeita.*

*N'uma estrofe muitissimo bem feita
Já Camões tinha dito esta piada ;
Outro vate, da mesma nomeada,
Ao caso de d'Annunzio agora a ageita.*

*Como somos paiz de imitadores
Tenha o governo a maxima cautela
Para evitar futuros dissabores,*

*Não se levante aí uma procela
E aos nossos mais cotados trovadores
Lhes dê na pinha conquistar Palmela !*

BELMIRO.

citos, uns vermelhos, outros cõr de pulga, outros cõr de piolho, apertavam o cõrco intrepidamente.

Compreendemos e ficámos cismando: por que razão não teriamos dado por aquela tropa, no nosso compartimento?

Só então reparámos que, com a pressa de nos metermos no comboio, viajavamos no compartimento dos cães, onde os ditos bichos eram em numero diminuto, comparado com o que vivia nas 1.^{as} classes, desde a grève ferroviária.

limpeza da cidade

Todos os dias os jornais publicam uma estatistica das multas applicadas pela policia aos transgressores das posturas municipais, relacionando os respectivos delitos, entre os quais se lê invariavelmente: «pejamentos e outras faltas congeneres».

Era grande fineza dizerem-nos quais são essas faltas congeneres dos pejamentos, não vá qualquer de nós comete-las sem dar por isso.

Poetas guerreiros

E' de ha muito sabido que os portugueses não podem ver uma camisa lavada a ninguem, de modo que, vendo a que o poeta Gabriel de d'Annunzio agora vestiu em Fiume (por sinal que é de onze varas) estão cheios de inveja e preparam-se para vestir outra igual de superiores dimensões.

Assim, estão em via de execuções duas seguintes expedições:

1.^a — A do poeta Sevilha, no seu fogaço corcel, contra a praça de Oliven-



ça, que conta conquistar em poucos minutos, se não pela força das armas, pela força das odes, pois que se ele lhe recita uma ode das suas não fica da cidade pedra sobre pedra.

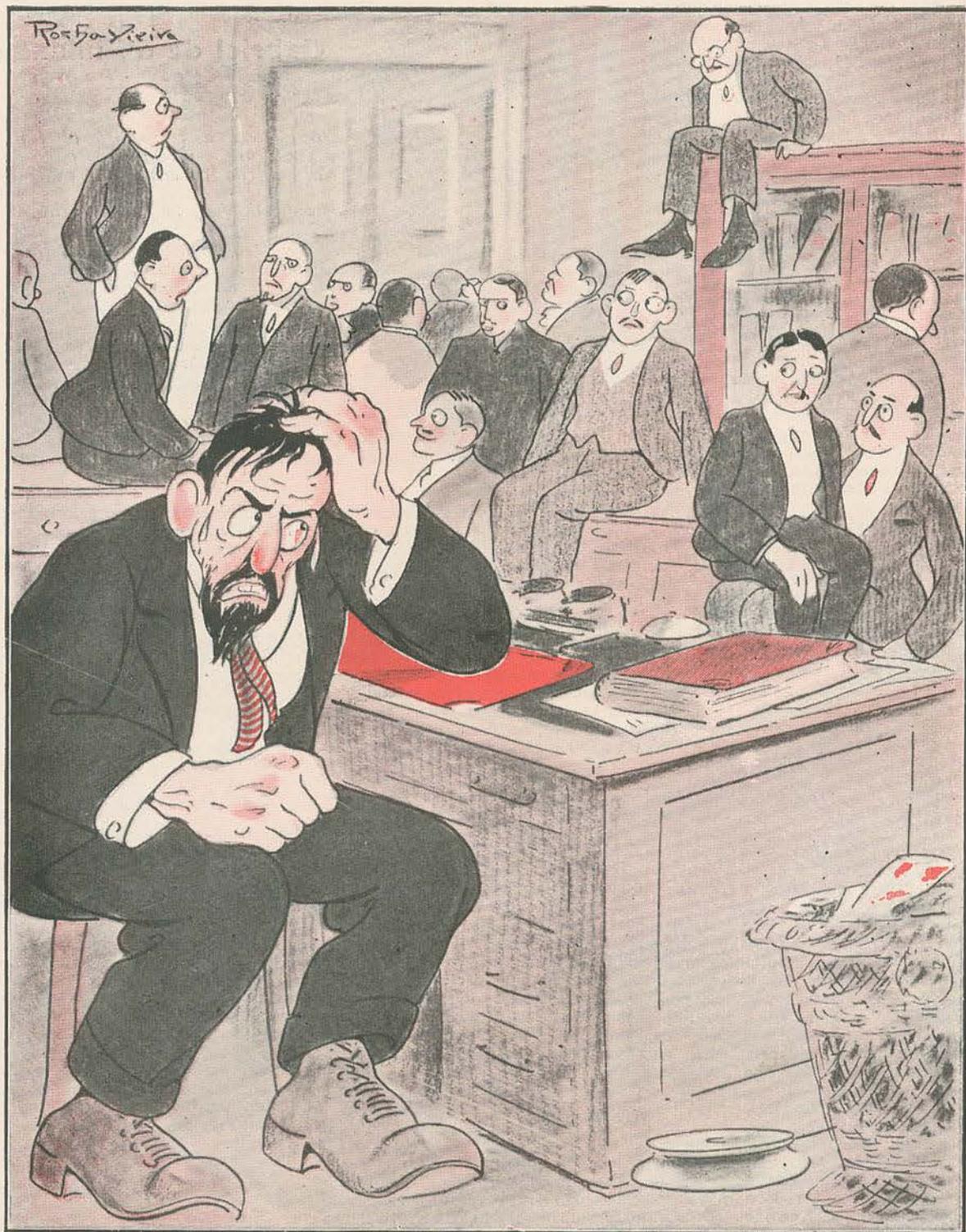
2.^a — A de João Bonança, a pé, vestido de peregrino, contra Jerusalem. Não tentará as armas, mas tenciona orar em assirio, primeiramente, depois em celtico, depois em fluso, etc., em tantas quantas linguas imortas sejam precisas para resuscitar os nossos avós enterrados na Palestina e dar batalha aos perros que se apoderaram do que devia ser nosso, histórica e recreativamente.

A' pedrada

Ultimamente tem sido apedrejados com frequencia os comboios da linha do norte, o que não é de aprovar mas é explicavel: os apedrejadores são provavelmente, ex-passageiros, indignados com a percaria das carruagens que cuparam.

OS SUBSISTENTES

«Foi dissolvido o ministério das subsistências, sendo o pessoal distribuído pelos outros ministérios».



O chefe da repartição:

— Mas em que diabo hei-de eu utilizar tanta gente? Ah! já sei: em pôr as virgulas nos ofícios...